

BAIRRO SANTA TEREZA: UMA CONSTANTE RESISTÊNCIA À METROPOLIZAÇÃO

Cristilene Almeida¹

Lizandra Ferreira Braga²

Matheus Giardini de Castro Lima³

Rhariane Ferreira dos Santos Oliveira⁴

Tamiris Caldeira Viana dos Santos⁵

Valquíria Kássia Silveira⁶

Vânia Lúcia De Assis Dias⁷

Orientadora: Mariana Guedes Raggi⁸

RESUMO

O presente artigo buscou analisar a apropriação do espaço na metrópole de Belo Horizonte durante seu crescimento assim como o Bairro Santa Tereza se contradiz no processo de verticalização da capital. Analisa como a paisagem do bairro se revela e se transforma a partir da luta, da tradição e da identidade construída por seus moradores. O artigo reflete sobre as problemáticas espaciais vivenciadas pelo bairro Santa Tereza e os processos de resistência frente ao processo intenso de modernização da metrópole.

Palavras-chave: Metrópole; Resistência; Bairro; Verticalização.

¹ Graduando em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: cristilenealmeida21@gmail.com

² Graduando em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: Lizandra.brga@hotmail.com

³ Graduando em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: matheusgiardini79@gmail.com

⁴ Graduando em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: rhariane.oliveira@gmail.com

⁵ Graduando em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: miriscaldeira@hotmail.com

⁶ Graduando em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: valquiriakassia@gmail.com

⁷ Graduando em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: vania Lucia112@gmail.com

⁸ Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000), graduação em Ciências Econômicas pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1991), mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003) e Doutorado em Geografia na Universidade de São Paulo (orientadora professora Dra. Rita de Cássia Ariza Cruz). Atualmente é professora de Geografia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais marianagrafia@gmail.com

ABSTRACT

This article sought to analyze the appropriation of space in the metropolis of Belo Horizonte during their growth and how the neighborhood Santa Teresa contradicts itself, in the process of vertical integration of the capital. Analyzing how this passage is revealed, symbolizing the struggle, tradition and identity built by its residents, on the bases of these Santa Teresa can withstand the intense modernisation.

Keywords: Metropole. Resistance.

1 INTRODUÇÃO

Belo Horizonte é marcada pela construção do Moderno – sugerido pela implantação da cultura europeia. A destruição do ultrapassado desaparece com sua história, apagando características de uma sociedade junto com tudo que não fosse representado pelo do novo ou moderno.

Sendo revelada como mito, ou seja, a história de uma sociedade que inicialmente foi desterritorializada e abolida do seu território, para que uma nova espacialidade fosse anunciada é uma marca da cidade de Belo Horizonte.

Nas cidades modernas, emergem territórios que se destacam por ostentarem fortes representações sociais. São lugares que se afirmam e se notabilizam pela diferença ou pela oposição aos demais territórios, caracterizando-se pela peculiaridade dos seus modos de vida, costumes ou vocações históricas, ou ainda, pela resistência ao processo mais amplo de imposição da vida urbana – tão marcada por determinações dos valores de mercado. Esses espaços, de maneira geral, são vistos como singulares, posto que portadores de uma determinada identidade, carregada de significados históricos, símbolos e afetivos (Souza & Cajazeiro, 2011, p.83)

A nova capital foi projetada com o objetivo de modernização que atingia o país por volta de 1890, ao qual se tornaria o símbolo de uma nova era, claramente caracterizado pela ideologia republicana.

A cidade de Belo Horizonte de acordo com seus construtores foi planejada para ser ocupada por uma população de 200 mil habitantes, levando em consideração, que essa a cidade de Ouro Preto já não atendia aos avanços e ideologias do modernismo que estavam sendo implantados na época.

Belo Horizonte expressava o desejo desse novo tempo, concebida pela utopia de uma cidade ideal, saneada, ordenada e iluminada. Seria uma cidade modelo do novo regime republicano, expressando a ruptura com o passado colonial.

De acordo com o projeto inicial elaborado por Aarão Reis a cidade foi dividida em três zonas: Urbana onde se estabeleceriam a elite, suburbana que seriam o centro de distribuição e a classe operária e a rural onde ainda permaneceriam algumas fazendas, vilarejos e zona de produção de alimentos.

Diferentemente de outras cidades que surgiram do acaso, Belo Horizonte, desde sua inauguração contava com ferramentas de controle que lhe garantiam o conceito de cidade moderna. À frente de seu tempo, sua ocupação aconteceria da região central para a periferia, predeterminando suas territorialidades e moldando sua história.

Logo se superou a expectativa de que a cidade se desenvolveria de dentro para fora, priorizando o crescimento no vetor Centro-Sul, para onde se estabeleceriam a elite, priorizando o crescimento no vetor Leste-Oeste, onde se acentuou o crescimento da população operária e menos favorecida. Com o crescimento da capital o número de imigrantes cresceu acima do esperado e em pouco tempo municípios vizinhos a Belo Horizonte começaram a se urbanizar.

Belo Horizonte cresce a ponto de se tornar uma metrópole, com suas características próprias, porém globalizada e com forte vínculo ao apelo capitalista que se revela de várias formas de acordo com as regiões da cidade. Algumas dessas regiões vão ceder ao mercado imobiliário que na capital é muito presente, outras regiões da cidade vão se firmar com outras características.

2 DESENVOLVIMENTO

O processo de reprodução espacial envolve uma sociedade hierarquizada, dividida em classes, produzindo em forma socializada para consumidores privados; a cidade aparece como um produto apropriado de forma diferenciada pelos indivíduos. (Carlos, 2007, p 78)

Para afirmar essas características, o objeto desse estudo foi o bairro Santa Tereza - localizado no município de Belo Horizonte, no estado de Minas Gerais - que é uma espacialidade, que se afirma como símbolo de resistência e se caracteriza por apresentar estratégias de desenvolvimento amplamente difundidas pelas suas formas únicas.

O objetivo deste artigo tem como proposta verificar como essa territorialidade se contradiz, na capital e como o bairro se posiciona frente à especulação imobiliária, de modo a destacar, mais precisamente, o processo de resistência empreendido por seus moradores. Em busca de justificar como o bairro se diferencia em relação aos outros, visando à qualidade de vida e como ele mantém o ambiente familiar. Dentre os procedimentos metodológicos, foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre o tema, visitas a campo para reconhecimento e delimitação do recorte da área a ser estudada.

A história do Bairro Santa Tereza, se inicia com a chegada da Comissão Construtora da Capital, que desapropriou algumas fazendas para que a construção de Belo Horizonte ocorresse com pleno sucesso. Uma dessas desapropriações ocorreu na Fazenda Boa Vista em 1894 (onde hoje se estabelecem os bairros. Floresta, Horto e Sagrada Família e o Santa Tereza).

A prefeitura de Belo Horizonte aplicou uma política de controle do processo de ocupação da região, atentando assim para as leis de uso e ocupação do solo, tratado inicialmente como bairro dos imigrantes, sendo que alguns desses terrenos foram concedidos a funcionários públicos.

Segundo Baggio (2005) o bairro acompanhou o crescimento da cidade, localizado na área pericentral de Belo Horizonte. Sua localização geográfica encontra-se na porção norte da Avenida do Contorno, possuindo como referência espacial a linha férrea e o Ribeirão Arrudas.

Segundo Baggio (2005) por volta de 1910 à região estagnou o seu processo de ocupação, uma vez que se abrigaria um hospital para tratamentos psíquicos e de doenças infectocontagiosas. O que levou a área a se tornar isolada, pela população que se sentiam ameaçada.

De fato, nós moradores destas redondezas, estamos seriamente ameaçados com a localização desse hospital. Quando ele foi construído aqui só havia mato. Hoje não, o Senhor poderá ver: é um centro populoso. Acho oportuna a mudança do estabelecimento para um ponto mais distante, onde a população não se visse tão seriamente ameaçada em sua saúde, pois aí neste hospital acham-se internados doentes de toda espécie: varíola, varicela, tifo, etc. (Depoimento da reportagem do Correio Mineiro, 21/01/1934).

Em 1965 o Hospital " Cícero Ferreira " foi transferido para o Bairro Santa Efigênia e atualmente o local foi transformado no Mercado Distrital de Santa Tereza

e a Escola Pedro Américo, modificando sua funcionalidade e sua estrutura, conforme menciona Santos, (1997) sobre a paisagem:

As mutações da paisagem podem ser estruturais e funcionais [...] a paisagem é um palimpsesto, um mosaico, mas que tem um funcionamento unitário. Pode conter formas viúvas e formas virgens. As primeiras estão à espera de uma reutilização, que pode até acontecer: as segundas são criadas para novas funções, para receber inovações. (SANTOS,1997, p.70).

O mercado Distrital foi inaugurado no dia 18 de junho de 1974, comportando 99 boxes para o desenvolvimento de atividades econômicas e segundo Araújo (2008), à saída de vários permissionários no fim da década de 90 levou o Mercado a ter no ano de 2007 apenas 13 feirantes e uma feira de cerâmica que acontecia periodicamente, tornando a sua crise perceptível a todos.

Com esses acontecimentos segundo o mesmo autor, o Mercado ficou abandonado, pois a PBH (Prefeitura Municipal de Belo Horizonte) não fazia licitações para a entrada de novos feirantes e o local apresentava problemas de estrutura.

A PBH determinou o fechamento do estabelecimento e posteriormente a desocupação do local. Dessa forma os moradores do bairro demonstraram o exercício da cidadania, criando grupos e agindo ativamente para que o antigo Mercado tornasse um espaço para uso dos cidadãos. Várias propostas da Prefeitura estão sendo discutidas junto à associação de moradores para a reocupação deste espaço.

De acordo com reportagem do Jornal „O Tempo” revela que finalmente há indicativos de que a comunidade e a prefeitura podem chegar a um consenso sobre a destinação do Mercado Distrital da Santa Tereza, na região Leste da capital. Um comitê com representantes de ambos os setores discute possibilidades de reativação do espaço, e a mais latente para um grupo de moradores é o resgate de sua vocação: venda de alimentos. Enquanto isso, uma pesquisa de intenções é aplicada para tentar verificar o que as pessoas querem para o espaço. De acordo com essa reportagem a PBH ainda não estabeleceu o plano diretor para o uso do mercado, vale ressaltar que a luta pela apropriação adequada do mercado é para beneficiar e servir de referência a todos os cidadãos de Belo Horizonte. Matéria retirada do Jornal “O Tempo” publicado em 13/05/2016).

O arquiteto e urbanista Castriota (1998) acredita que além da importância do Mercado para a região, essa escuta popular é um processo muito positivo ao se pensar a cidade. “É um mecanismo importante, principalmente para se definir o uso

disso. Tem que ter uso muito bem pensado para não competir com o que já existe no bairro, para reforçar as tendências do local". (Jornal O Tempo publicado em 13/05/2016).

Dessa forma a Prefeitura acredita em uma solução permanente para o local. Algumas propostas foram feitas, mas recusadas pela população local. Uma das propostas consistia em que ele se tornasse a sede da Guarda Municipal de Belo Horizonte ou a Escola Técnica Automotiva da (FIEMG), mas a população rejeitou, pois tal espacialidade deveria manter seu uso para a comunidade.

Segundo Baggio (2005), a construção da praça central no Santa Tereza (Duque de Caxias) se deu no ano de 1937, resultante de uma mobilização dos moradores que solicitavam a utilização daquele espaço já que se encontrava sem utilidade.

A praça juntamente com a Igreja Matriz trouxe a movimentação do comércio e se tornou símbolo da área central do bairro. Atualmente conhecido por ser um lugar de muitos bares e restaurantes, principalmente durante a noite, o bairro se transformou referência, *epicentro da boemia*, sendo frequentado por um público muito diversificado.

As praças de um modo geral são consideradas espacialidades; para Caldeira (2007), as praças diferenciam-se de outros espaços por constituírem vazios na cidade, assim a Praça Duque de Caxias e a Igreja Matriz retratam o centro do Santa Tereza, onde são realizados os principais eventos para a interação da comunidade.

Destacam-se os movimentos de ocupação na cidade pelas atrações culturais, tais como a presença de forte interferência da musicalidade popular brasileira, através do Clube da Esquina.

Os encontros entre Milton e os dois irmãos eram sempre no quarto dos Borges, em noites regadas a batida de limão. (...) Assim surgia o embrião do Clube da Esquina. A troca de ideias avançou pelas noites no bar Saloom e nas sessões no Cineclube. (...) o nome foi ideia de Márcio que, sempre ao ouvir a mãe, Dona Maria, perguntar por onde andavam os meninos Borges, dizia: "Claro que lá na esquina, cantando e tocando violão". Em comum entre os integrantes, a origem de classe média, o grande interesse por assuntos culturais e políticos e a disposição de privilegiar os temas sociais em detrimento do amor nas letras.
(<http://www.museclubedadesquina.org.br/canal/museu/>)

Podemos perceber como foi importante para construir a identidade musical do país, além dos grandes nomes da música brasileira. Outra manifestação cultural que

o Santa Teresa buscou renascer na cidade de Belo Horizonte, já que não o possuía com tanta firmeza, foi o carnaval. O bairro conta com dois blocos de rua “Inocentes de Santa Teresa” fundado em 1973 e “Infiltrados do Santa Teresa” fundado em 2009, ambos promovem seu som na Praça Duque de Caxias e arrasta centenas de foliões.

Além das tradicionais “festas juninas” e vários eventos que acontecem no centro da cidade são também registrados na região como a “Virada Cultural”.

Nesse sentido, o bairro se afirma a partir da ocupação de seus espaços utilizado e ocupado por vários públicos a partir da produção de diversas identidades.

Registros de memórias e paisagens se constroem através do tempo. O bairro Santa Tereza, centralidade espacial desse estudo, produz territorialidades bem definidas. O caráter cíclico, com variação atemporal, é perceptível durante o dia em pontos centrais do bairro, tais como a Praça Duque de Caxias e a Rua Mármore.

Tais espacialidades vão se caracterizar por um típico movimento diurno; pessoas trabalhando, crianças e jovens indo à escola, lojas de roupa, mercados, escritórios abertos. Quando chega à noite, as calçadas se enchem de mesas, instrumentos de música, risos e luzes de carros que cada vez mais vão iluminando as ruas e procurando bares tradicionais.

Dessa forma a fama de boemia se dissemina pela capital, representando uma territorialidade de apropriação, pois durante a noite, a região é tomada por um público oriundo de diversos lugares da cidade, que migram de seu bairro-origem reproduzindo um espaço de convívio, de encontro, identidade que não se vê em muitos bairros de Belo Horizonte.

Durante as visitas de campo percebemos a forma como o bairro se vende. O consumismo vai se apresentar nos bares, nas características rústicas e na propaganda de sossego e tradicional da região, não há uma necessidade, uma obrigação de que esse público frequente o Santa Tereza. Frequenta-se, consome-se nos bares do Santa Tereza, por que lá é uma região de características do interior dificilmente identificada na capital.

Os arranha céus se afirmaram na metrópole por volta da década de 50, exercidos pela intensa especulação imobiliária que juntamente com a prefeitura, modificam decretos e leis para a expansão de grandes empreendimentos, descaracterizando os bairros das cidades, eximindo os aspectos de tranquilidade e sossego e aumento dos fluxos internos das regiões. Muitos bairros de Belo

Horizonte são característicos pelo adensamento intenso, como é o caso Burity, Califórnia, Castelo que desconfiguram as características de bairros aconchegantes.

Essas regiões têm seus espaços de vivência abandonados pelos moradores, que certo não se sentem pertencentes, nem acolhidos. Essa individualidade é reposta do próprio sistema capitalista, que fragmenta, urbaniza, verticaliza e impõe uma exclusão involuntária de convivência.

Paralelamente, alguns bairros se mantêm resistentes a esse processo de ocupação intenso, priorizando a vizinhança, os comércios locais e a aspectos de uma vida corriqueira, sem as grandes movimentações dos bairros superadensados, simbolizando a tranquilidade das cidades do interior.

Baggio (2010) outro aspecto a se destacar no bairro é o fato dele ainda preservar relações estreitas de vizinhança, cada vez mais incomuns nas grandes cidades, em que pesem o recrudescimento da violência, a atomização das relações sociais e da impessoalidade, um aspecto importante na sociabilidade do bairro, relatado pelo qual seus moradores, frequentadores e visitantes esporádicos o comparam a uma cidade de interior, dotado de relações de maior proximidade e intimidade.

De acordo com Baggio (2007), podemos destacar o trabalho do Movimento “Salve o Santa Tereza”, que se declara apartidário e com caráter essencialmente comunitário, fundado, aproximadamente em 1995 priorizando os problemas urbanos, dessa forma, abrindo a abertura de canais de participação nas decisões atinentes à cidade.

O Movimento tem como objetivo a manutenção da qualidade de vida e da sociabilidade do bairro, lutar pela proteção e preservação do seu patrimônio histórico, cultural e paisagístico, além de defender a cidadania e a participação democrática igualitária. Servindo de referência para outros movimentos na cidade. O que soa de forma positiva pois revela o aumento da conscientização da população local e chama a atenção de outras partes da cidade.

Contribuindo discutir questões do meio ambiente urbano, de modo a contribuir significativamente para um maior reconhecimento da importância histórica e cultural do bairro para a memória da cidade.

2.1 Santa Tereza: Uma resistência à verticalização

O adensamento pelo qual Belo Horizonte passou em meados do século XX gerou uma rápida verticalização da região central, prioritariamente destinada à atividade comercial. Permitida por lei, de acordo com Borsagli (1950) que previa a verticalização apenas na área central sendo restrito à zona urbana, o capital imobiliário, a partir da década de 50, passou a investir na construção de edifícios, no perímetro central, destinada ao uso residencial. O Bairro Santa Tereza, localizado próximo a área central resistiu a intensa modernização a partir do processo de intensa valorização a especulação imobiliária.

Segundo Baggio (2005), apesar do adensamento e do recrudescimento da verticalização nos bairros vizinhos, Floresta, Horto, Sagrada Família, e Santa Efigênia; o Santa Tereza, pela sua topografia acidentada, dificultava a entrada da especulação imobiliária.

Além da modernização dos bairros vizinhos, o Santa Tereza ficava ainda mais vulnerável após a consolidação de obras de infraestruturas, quais sejam a canalização do Ribeirão Arrudas e implantação da Avenida dos Andradas, a construção da estação de metrô no bairro e o viaduto que liga o Santa Tereza ao Santa Efigênia, além do já existente viaduto Santa Tereza, construindo em 1929, ligando o bairro a região central.

Como foi colocado por Baggio (2005) e Costa (2006), sobre novas áreas de tecido urbano permitido somente pela metropolização da cidade e a produção da infraestrutura; redefinindo o uso e ocupação do solo, com destaque para empreendimentos na região pericentral, como a verticalização permitida pelo zoneamento ZR-4 (ocupação residencial multifamiliar vertical), deixando assim o Santa Tereza, ainda, mais vulnerável.

De todo esse processo de verticalização que atingia a região pericentral, em 1995 o Santa Tereza foi incluído no novo Plano Diretor de Belo Horizonte, como Zona de Adensamento Preferencial (ZAP), prevendo a permissão para “adensamento, em decorrência de condições favoráveis de infraestrutura e de topografia”.

Antes, porém, de 1995, o Santa Tereza já era alvo da verticalização. Mais precisamente no fim da década de 1980, dois prédios, com 17 andares cada, denominado condomínio San Martin, popularmente conhecidos como “Torres Gêmeas”, começaram a ser erguido na margem da Avenida dos Andradas. Todavia,

com a falência das empresas ICC Incorporadora e Jet Engenharia as obras foram interrompidas 10 anos depois e tornando uma área de ocupação (FIG. 1).

Figura 1: “Torres Gêmeas” localizado no bairro Santa Tereza



Fonte: direitoamoradia.org

Inconformados, conforme aponta Baggio (2005), os moradores, articulados a partir do movimento Salve Santa Tereza iniciaram um processo de resistência à verticalização. Essa mobilização, realizada em 21 de abril de 1996, com um abraço simbólico na Praça Duque de Caxias, foi o início de uma luta que seria amplamente divulgado pelos meios de comunicação. E acrescenta:

Pode-se, contudo, indicar, ao menos, dois antecedentes do percurso da mobilização da comunidade local na defesa da preservação do bairro, quais sejam: a criação em 19/12/1983 da Associação Comunitária do Bairro de Santa Tereza [...] e, a formação em 21/12/1991 da Sociedade Amigos de Santa Tereza (SAST) [...]. Esta mobilização de 1996 contou, ademais, com

o apoio do Jornal Santa Tereza e da Associação Comunitária do bairro (BAGGIO, 2005, p. 146).

A união da comunidade em prol de uma luta que visava à conservação da qualidade de vida garantiu a aprovação do artigo 83 da Lei 7.166/96, que protege o bairro da atividade imobiliária que venha a descaracterizar o lugar. Desta forma, o bairro Santa Tereza foi classificado, no Plano Diretor, como uma ADE (Área de Diretrizes Especiais).

De certa forma, o processo de metropolização provoca uma alteração na estrutura paisagística e cultural. Apesar de todo movimento contra a modernização, é possível verificar prédios com mais de três andares (que é o limite permitido), presentes, em grandes quantidades na Rua Hermilo Alves (FIG. 2).

Figura 2: Conjunto de prédios residenciais na Rua Hermilo Alves, Santa Tereza - 2015



Fonte: Google Maps

Se com a criação da ADE o bairro ficou definido como residencial, com a proibição de se construir fábricas e prédios com mais de quatro andares, (...) ao invés de proteger o bairro, aconteceu o inverso, pois houve uma procura maior pelas construtoras. BAGGIO (2005)

A característica de vida de interior, com relações estreitas de vizinhança e a vida boemia e cultural do bairro, valorizaram os terrenos tornando-os atrativo ao capital imobiliário. Essa é uma das contradições mais interessantes ao processo de produção das metrópoles contemporâneas.

O fato de se iniciar uma mobilidade de resistência está pautado, segundo Baggio (2005), ao que ele considera ser determinante a essa tomada de consciência, no estranhamento diante de uma descaracterização do bairro, pelo qual essa prática de resistência demonstra os sentimentos de afetividade entre as pessoas e desta com o lugar de vivência.

Dessa forma, a produção em escala de observação sócio espacial resistente e insinuada por demandas relacionadas ao valor do espaço e do tempo. O Santa Tereza está inserido numa territorialidade que recria a tradição em novas bases. Não se tornando uma ideologia do passado, nem uma representação pura do dinamismo do espaço metropolitano.

Portanto, o bairro está baseado numa coexistência entre os valores do tradicional e do moderno, fundidos na territorialidade, produzindo os matizes indenitários na esfera sócio espacial.

Não obstante, o Santa Tereza foi em 04 de março de 2015 tombado como patrimônio cultural pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural do Município de Belo Horizonte, a partir da proteção de 288 bens, entre casas, igrejas, restaurantes, bares e praças preservando também os aspectos imateriais como a cultura, história e tradição do bairro.

Com a proteção do Conjunto Urbano Bairro Santa Tereza passa a vigorar para a área um conjunto de diretrizes altimétricas complementares às definidas pela legislação da ADE Santa Tereza, prevalecendo às mais restritivas. Para as áreas do Conjunto Urbano onde não houver definição altimétrica, permanecem valendo as diretrizes da ADE Santa Tereza (Diário Oficial do Município -DOM.DELIBERAÇÃO Nº 019/2015).

Por fim, conforme Baggio (2005), a territorialidade presente no Santa Tereza não exerceu uma condição negligenciável, de modo a desempenhar um papel, promovendo e alimentando, simultaneamente, as “forças de resistência e permanência no lugar”.

3 CONCLUSÃO

De substancial importância considerar a influência proporcionada pela dimensão cultural do bairro para se compreender a forma pelo qual o Santa Tereza consegue resistir às forças ideológicas provindas do capitalismo.

Para tanto se considera o Santa Tereza uma expressão de territorialidade singular, destacado pela organização sócio espacial, caracterizado por um modo de vida que valoriza o cotidiano, principalmente pelas manifestações interioranas presentes e vivenciadas pelos moradores e frequentadores. Ainda chama a atenção a dimensão musical, artístico e boêmio, particularidades importantes do bairro além da presença de uma intensa vida religiosa, feiras de artesanato e alimentação.

É nessas bases que o Santa Tereza resiste à intensa verticalização. É pelos moradores na busca da tradição, da vida interiorana, do sossego que o bairro proporciona e ainda revela possibilidades de luta pelo direito à cidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Tito Flávio Rodrigues de. **Conhecer o arraial de Belo Horizonte para projetar a cidade de Minas: a Planta Topográfica e Cadastral da área destinada à Cidade de Minas e o trabalho da Comissão Construtora da Nova Capital**. XVIII Encontro Regional (ANPUH- MG) 24 a 27 de julho de 2012/ Mariana, Minas Gerais. Ouro Preto, junho de 2012.

ALVES, C. G. ; CUNHA, L. . **O Espaço Entre o Rural e o Urbano: o desenvolvimento agrícola sob tutela do Estado nos primeiros anos de Belo Horizonte**. 2013. (Apresentação de Trabalho/Seminário).

ARAUJO, Guilherme Maciel. **PATRIMÔNIO E VALORES A Questão da Reabilitação do Mercado Distrital de Santa Tereza em Belo Horizonte / MG, Histórias de bairro**, 2008.

ARRAIS, Alencar Cristiano. **Belo Horizonte, a La Plata brasileira: entre a política e o urbanismo moderno**. Revista UFG / Junho 2009 / Ano XI no 6.

ARRAIS, Alencar Cristiano. **A CONSTRUÇÃO DE BELO HORIZONTE E O PROJETO DE MEMÓRIA DE AARÃO REIS Diálogos** - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, 2010. Disponível: Acesso em: <30 de Maio 2016>.

BAESSO Renata, **A Arquitetura Completando o Traçado urbano**, IX Seminário de História da cidade e do Urbanismo de São Paulo, 2006.

BAGGIO, Ulysses da Cunha. **A SINGULARIDADE DO LUGAR: A CONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO IDENTITÁRIO PARA O BAIRRO SANTA TEREZA.**

BAHIA, Cláudio Lister Marques. **Metamorfoses da metrópole.** Ed. Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte: vol. 43/2- pag. 60/75, 2007.

BORSAGLI, Alessandro. **Os anos 1950: Metropolização e Desordem Urbana.** Disponível em: <<http://curraldelrei.blogspot.com.br/2011/07/os-anos-1950-metropolizacao-e-desordem.html>>. Acesso em: 21 maio 2016.

CARLOS, Ana Fani Alessandri .**Espaço e Indústria.** São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARLOS, Ana Fani Alessandri .**A Cidade. 8 ed. 1 reimpressão-** São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA, Ana C. Silva; ARGUELHES, Delmo Oliveira. **A higienização social através do planejamento urbano de Belo Horizonte nos primeiros anos do século XX.** Brasília, v. 5, n. 1/2, p. 109-137, jan./dez. 2008.

DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO, Deliberação Nº 019/2015. Disponível em: . Acesso em 22 maio 2016.

G1, **Bairro Santa Tereza, um dos mais tradicionais de BH, é tombado.** Disponível em: . Acesso em 22 maio 2016.

HISSA, Cassio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras. Inserção da geografia na modernidade.** Belo Horizonte. Editora UFMG, 2002.

MENDONÇA , Eneida Maria Souza. **Apropriações do espaço público: alguns conceitos.** Estudos e pesquisas em psicologia, UERJ, RJ, v. 7, n. 2, p. 296-306, ago. 2007

MONTE-MÓR, Roberto Luís. **"O que é o urbano, no mundo contemporâneo,"** Textos para Discussão Cedeplar-UFMG td281, Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais. 2006.

PEREIRA, Maria Madalena Dias Calhau Esquivel. **Praças públicas sustentáveis,** 2008.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo: **Belo Horizonte ou o estigma da cidade moderna,** Professora Assistente do Depto. de História da FAFICH/UFMG Mestre pela UNICAMP

PORTAL PBH, **Regulação Urbana,** Capítulo II. Disponível em: . Acesso em: 21 maio 2016.

PORTAL PBH, **Regulação Urbana,** Capítulo VI. Disponível em: . Acesso em: 21 maio 2016.

SANTA TEREZA, **Diálogo para salvar o mercado**. O Tempo 13/05/16. Disponível em:< <http://www.otempo.com.br/cidades/di%C3%A1logo-para-salvar-mercado-1.1298853>>. Acesso em: <24/05/2016>.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 4 Ed. Universidade do Texas, 2000.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. 1 Ed. São Paulo: Hucitec, 1988.

SIMÃO, Fábio Luiz Rigueira. Dissertação (mestrado) - **Os homens da ordem e a ordem dos homens: ordenamento urbano e policiamento em Belo Horizonte**. (1895-1930) Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG – 2008.

SOUZA, Marcelo José Lopes. **O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In. **Geografia: conceitos e temas**. Ed. Bertrand Brasil. Rio de Janeiro, 2011

SOUZA, Françoise Jean de Oliveira & CAJAZEIRO, Karime Gonçalves. **A SINGULARIDADE DO LUGAR: A CONSTRUÇÃO DE UM DISCURSO IDENTITÁRIO PARA O BAIRRO SANTA TEREZA**. Teoria e Sociedade ,2011.

VIERO, Verônica Crestani& BARBOSA FILHO, Luiz Carlos. **PRAÇAS PÚBLICAS: ORIGEM, CONCEITOS E FUNÇÕES**, 2009

WESTIN, Vera L.C. **Santa Tereza na Construção Cotidiana da Diferença**. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 1998. (Dissertação de Mestrado em Comunicação Social). p.130. (Trecho retirado de BAGGIO, Ulysses C. A Luminosidade do Lugar. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2005. p.175.).